

EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES E AÇÕES

Suraya Cristina Darido¹
Zenaide Galvão²
Lilian Aparecida Ferreira³
Giovanna Fiorin⁴

RESUMO

O presente estudo procurou analisar alguns aspectos concernentes ao ensino da Educação Física no ensino médio; o horário da disciplina dentro do currículo da escola, as dificuldades enfrentadas pelos professores e os pedidos de dispensas das aulas. Para atingir tais propósitos, 30 professores do interior do Estado de São Paulo foram consultados através de um questionário. Os resultados deste estudo mostraram que os professores entendem que a Educação Física deva ser conduzida no mesmo período das demais disciplinas, pois facilita a democratização do acesso dos alunos, que as maiores dificuldades dos professores residem na falta de interesse dos alunos do ensino médio e da falta de habilidade dos mesmos e, quanto ao número de pedidos de dispensa, com a disciplina no mesmo horário das demais, este número gira em torno de 6% dos alunos matriculados no ensino médio.

UNITERMOS: Educação Física escolar e ensino médio

1 - O ENSINO MÉDIO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O ensino fundamental (antigo 1o grau) tem sido o centro das atenções de grande parte dos professores e pesquisadores, quer do ponto de vista da educação, quer da Educação Física. Isto ocorre na medida em que entendemos o ensino fundamental como a porta de entrada para qualquer proposta mais ampla de democratização do acesso ao ensino, e que muitos problemas e questões estão encravadas neste nível de ensino, que embora sejam amplamente denunciadas, estão longe de serem solucionadas.

No entanto, os males estruturais que afetam a sociedade Brasileira e o ensino fundamental, também atingem o ensino médio (antigo 2o grau) com tanta ou maior intensidade, o que não é pouco e merece uma reflexão mais aprofundada.

¹ Profa. Dra. do Departamento de Educação Física - UNESP - Campus Rio Claro, coordenadora do Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos - Educação Física / Esporte.

² Profa. Mestre, membro do Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos - Educação Física / Esporte Escolar e Profa. da Unicastelo/SP.

³ Mestranda do Curso de Ciências da Motricidade Humana - UNESP - Rio Claro e membro do Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos - Educação Física / Esportes. Profa. da Unirp/RP.

⁴ Professora de Educação Física da rede pública da cidade de Americana e membro do Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos - Educação Física / Esportes.

Dois aspectos marcam decisivamente, a participação e a implementação de propostas para a Educação Física no ensino médio. O primeiro mostra que a grande maioria dos alunos do ensino médio estudam no período noturno, em torno de 70% dos alunos. Até a vigência da LDB anterior de 1971, os alunos do curso noturno, composta por uma maioria de alunos trabalhadores, tinham a disposição legal os pedidos de dispensa. Se não o faziam, em muitos casos, as direções das escolas incentivavam tal prática.

Atualmente, com a aprovação da nova LDB 9394/1996, o ensino da Educação Física para o ensino noturno passa a ser facultativo para os alunos cursarem, às escolas oferecerem, e caso elas ofereçam a disciplina, as horas aulas não são contabilizadas na carga horária da escola. O que nos permite antever, sem muitas dificuldades, que a Educação Física no ensino noturno continuará não acontecendo e assim, estarão excluídos do processo cerca de 70 % dos alunos do ensino médio, provavelmente os maiores beneficiados com a prática regular de atividade física.

Além disso, as escolas impõem aulas de Educação Física, mesmo para os alunos do período diurno, em período contrário ao das demais disciplinas. Para o aluno retornar a escola, muitas vezes distante de sua casa, ou para o aluno trabalhador a Educação Física fora do período sempre se constituiu num estorvo, e como consequência, novamente, tínhamos um aumento do número de alunos dispensados (trabalho ou médico).

1.1 O ENSINO MÉDIO NO BRASIL

O ensino médio no Brasil está vivendo uma explosão de crescimento. De 1987 a 1997 o número de alunos matriculados no ensino médio dobrou, passando de 3,2 milhões para 6,4 milhões. Dois fatores, de acordo com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), explicam este crescimento; - a maior exigência do mercado de trabalho, porque sem este nível de ensino é mais difícil conseguir o emprego; - e a melhoria (ainda que em escala reduzida), do sistema público Brasileiro (Folha de São Paulo, 1998).

Ao lado disso, o ensino médio vem passando por mudanças profundas no que diz respeito a discussão sobre as suas funções, embora ainda estejamos sob o impacto da reforma ocorrida na década de 60 que atribuía ao ensino médio um caráter terminal, diretamente voltado ou, para a formação de técnicos de nível médio ou, para o ensino preparatório para a Universidade.

Franco (1994) sugere que a escola esteja relacionada ao mundo do trabalho mas não numa relação linear. Nas suas palavras “...o que seria limitar o papel da escola concebendo-a apenas como uma agência de adiestramento em que o domínio de técnicas ganharia primazia sobre as atividades voltadas para a formação integral do aluno. (p.20)...”Por outro lado, não implica fazer o raciocínio inverso e eximir a educação de qualquer responsabilidade pela formação profissional”(p.21).

Concordamos com a autora quando ela ressalta que uma das possibilidades do ensino médio é fornecer oportunidades para a capacitar o aluno a compreender o trabalho como categoria social- e histórica, desde que exista nessa escola a preocupação de levá-lo a entender as formas diferenciadas de vivenciar as relações de produção e as desigualdades delas decorrentes.

Com a aprovação da nova LDB (9394/1996) devolve-se ao ensino médio o caráter de formação geral, exigindo menos conhecimentos específicos e mais conhecimentos interdisciplinares. O currículo será dividido em três áreas: códigos de linguagem, ciência e tecnologia e sociedade e cultura, todas com igual peso. Além disso, com as mudanças em andamento, será oferecido uma certa autonomia as escolas que podem propor até 25% da grade curricular com disciplinas complementares e procuram desvincular o ensino técnico do ensino médio (dois cursos separados).

No âmbito da Educação Física ainda não presenciamos uma discussão aprofundada a respeito das interfaces da disciplina em as grandes áreas; códigos e linguagem, ciência e tecnologia e sociedade e cultura. Entendemos que a disciplina têm interfaces acentuadas tanto no que diz respeito aos códigos de linguagem quanto a área de sociedade e cultura. Porém, estas questões fogem do escopo de análise deste trabalho, mas reconhecemos que esforços devam ser envidados para a discussão desta importante questão.

1.2 EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: ALGUNS ESTUDOS

A seguir, apresentaremos os principais trabalhos realizados considerando o ensino médio e a Educação Física, que não são muitos. Daólio (1986) discutiu a importância da Educação Física para o aluno trabalhador. Em outra linha de estudos, temos os trabalhos realizados por órgãos públicos, como a CENP (Coordenadoria de Estudos Pedagógicos) e pelo CEE/SP (Conselho Estadual de Educação - São Paulo), ambos elaborados por professores da área e que procuraram apresentar algumas propostas para este grau de ensino.

Do mesmo modo, Correia (1996), De Ávila (1995) e Melo (1997) apresentam diferentes propostas. No primeiro caso, utilizando a concepção de planejamento participativo e nos dois últimos implementando propostas para além dos esportes tradicionais. Verenguer (1995), por outro lado, procurou abordar a formação do professor de Educação Física que trabalha no ensino médio. E mais recentemente,

Nahas (1997), Tedeschi (1997) e Costa (1997) apresentaram sugestões diferentes para o ensino da Educação Física.

Em estudo bastante interessante, um dos primeiros da área, Daólio (1986) procurou levantar a importância da Educação Física para o adolescente que trabalha numa perspectiva psicológica. Embora não tenha se referido ao ensino médio especificamente o seu trabalho permite discuti-lo uma vez que, como já foi apresentado, a maioria dos alunos do ensino médio são trabalhadores.

O autor propõe que as aulas de Educação Física para o aluno/trabalhador ofereça uma oportunidade para uma atividade pessoal, em contrapartida ao trabalho; uma Educação Física que permita ao adolescente um relaxamento, com a intenção de fazê-lo perceber seu corpo e capacitá-lo a controlar esse corpo, em oposição ao automatismo que o trabalho muitas vezes exige; uma Educação Física que permita ao aluno a prática de atividades prazerosas, em oposição à rigidez e ao caráter repressivo de muitos trabalhos; aulas que permitam aos alunos convivência e relacionamento em grupo, já que o trabalho muitas vezes, não permite estas possibilidades; e também aulas que permitam uma aprendizagem globalizante, que alie o cognitivo ao afetivo-vivencial.

O mesmo autor em conjunto com Medina (1993) apresenta uma proposta para a Educação Física no ensino médio através da Coordenadoria de normas pedagógicas (CENP). Neste documento levantam as características do desenvolvimento dos adolescentes sob o enfoque cultural, cognitivo, afetivo e físico. Em seguida, apresentam uma proposta metodológica em que os desafios sejam sempre provocados, como exemplo citam as táticas esportivas que podem ser colocados em forma de problema para os alunos responderem. Em termos de conteúdos para o ensino médio sugerem que a Educação Física valorize a contextualização histórica dos esportes em nível teórico e a aprendizagem para além do esporte, como por exemplo a dança.

Assim como no documento elaborado pela CENP (1993), o documento elaborado por uma comissão do Conselho Estadual de Educação ressalta que o ensino médio não pode ser concebido como uma repetição, um pouco mais aprofundada, do programa de Educação Física do ensino fundamental, mas deve apresentar características próprias, que considerem o contexto sócio-histórico destes alunos.

Mas qual é esta Educação Física?

Correia (1993) em discussão desta questão observa que o ensino médio deve e pode partir da idéia de um planejamento participativo. Neste sentido, apresenta as vantagens e desvantagens deste trabalho a partir de um relato de sua experiência numa escola pública paulista de ensino médio. O autor considera que as principais vantagens são: os níveis de participação e motivação dos alunos nas atividades propostas; a valorização da disciplina pelos alunos; a repercussão da proposta perante outros grupos não engajados e menor despersonalização dos educandos, face ao caráter participativo da proposta.

Enquanto desvantagem o autor informa que há um desgaste maior do professor no sentido de providenciar recursos materiais, teóricos, frente a necessidade de coordenar diferentes programações em diferentes turmas; as próprias limitações de formação profissional do professor; e dificuldades em encontrar subsídios teóricos para desenvolver discussões sobre as implicações do movimento nos níveis sócio-cultural, ou seja a inexistência de material didático para o ensino médio.

De Ávila (1995) implementou uma proposta de atividades rítmicas e expressivas para alunas do curso de magistério, nível médio. Interessantemente, alunas que antes não participavam das aulas, passam a realizá-la, com argumentos de que agora não precisam jogar bola (em referência aos esportes coletivos) e não necessitam competir e ser melhor que ninguém (em referência a competição dos esportes).

O trabalho de Melo (1997) também indica a importância de um trabalho onde seja oferecida uma ampla gama de atividades aos alunos, para além dos esportes tradicionais. O autor implementou um programa de Educação Física para o ensino médio utilizando jogos. Entre eles; diferentes tipos de queimadas, hand sabonete, pic bandeira, quatro cantos, e outros. Ao fim do programa os alunos avaliaram positivamente o programa e ressaltaram que estes conteúdos devem estar disponíveis também nas aulas regulares de Educação Física.

Além destes estudos, algumas escolas têm oferecido opções de práticas corporais para o ensino médio. Em uma das escolas de vanguarda da cidade de São Paulo, o aluno pode optar entre as seguintes práticas corporais: esportes coletivos, dança, jogos e ginástica, lutas, capoeira e circo. Em outra escola, soubemos através de conversas informais com a Professora de Educação Física da escola, que o número de alunas que pediam dispensa das aulas de Educação Física foi reduzido pela metade, quando além do voleibol e basquetebol, podiam optar pelas aulas de ginástica aeróbica e step.

Nestes trabalhos ficou evidenciado que podem ser experimentados outros conteúdos com o ensino médio, para além do basquetebol, voleibol e futebol, principalmente quando o aluno já experimentou no ensino fundamental diferentes modalidades ele têm condições de optar por aquilo que lhe dá prazer e conhecimento.

Aliás, conhecimento também é bastante citado enquanto função da Educação Física para o ensino médio (Verenguer, 1995; Darido et alli, 1995; CENP/1993, CEE/SP, 1997). Parece haver um certo consenso entre os pesquisadores de que a Educação Física no ensino médio deveria privilegiar o conhecimento “teórico”, no sentido de fornecer elementos para garantir a autonomia e reflexão do aluno quanto a cultura corporal de movimentos, embora na prática concreta isto não ocorra com frequência (Darido, 1999).

A Educação Física no 2o grau deve proporcionar ao aluno conhecimento sobre a cultura corporal de movimentos,

que implicam compreensão, reflexão, análise crítica, etc. A aquisição de tal corpo de conhecimentos deverá ocorrer em relação as vivências das atividades corporais com objetivos vinculados ao lazer, saúde/bem estar e expressão de sentimentos. Este objetivo precisa ser garantido a todos os alunos, pois permitirá uma plena autonomia no usufruto das formas culturais do movimento.

A Educação Física como disciplina implica na promoção da reflexão através do conhecimento sistematizado, há um corpo de conhecimento, um conjunto de práticas corporais e uma série de conceitos desenvolvidos pela Educação Física que devem ser assegurados. No segundo grau, promovendo discussões sobre as manifestações dessas práticas corporais como reflexos da sociedade em que vive, pensando criticamente seus valores, o que levará os alunos a compreenderem as possibilidades e necessidades de transformar ou não esses valores”(C.E.E., p.16).

Verenguer (1995), em um dos poucos estudos dirigidos a formação do professor que trabalha com ensino médio, entende que o papel da Educação Física é valorizar os conteúdos que “propiciem aos alunos pensar suas possibilidades motoras e a influência que recebem do contexto social, ampliando seu repertório cultural sem deixar de lado, naturalmente, experiências motoras que propiciem sua melhora e/ou refinamento.” (p.73). A autora continua e argumenta que neste contexto o desafio dos docentes dos cursos de Licenciatura é desenvolver conhecimentos que possam servir para discussões nas aulas regulares de Educação Física na escola.

Mais recentemente, foi realizado um Seminário para discutir especificamente a Educação Física no ensino médio, e mais uma vez ficou evidenciado a existência de múltiplas propostas e abordagens implícitas para a Educação Física na escola. Senão, vejamos.

Nahas (1997), por exemplo sugere que a função da Educação Física para o ensino médio deve ser a educação para um estilo de vida ativo. O objetivo é ensinar os conceitos básicos da relação atividade física, aptidão física e saúde, além de proporcionar vivências diversificadas, levando os alunos a escolherem um estilo de vida mais ativo. O autor ainda observa que esta perspectiva procura atender a todos os alunos, principalmente aos que mais necessitam; sedentários, baixa aptidão física, obesos e portadores de deficiências. Neste sentido, foge do modelo tradicional que privilegiava apenas os mais aptos e que não atendia às diferenças individuais.

Ao contrário desta proposta, Tedeschi (1997) apresenta um relato de experiência de uma escola particular de São Paulo baseada na proposta crítico-superadora (Coletivo de Autores, 1992). A autora lembra que o ensino médio sempre privilegiou a prática dos esportes não considerando os demais componentes da cultura corporal, o que precisa ser realizado.

Costa (1997), por outro lado, acredita que os alunos nesta faixa etária (ensino médio), possuem uma opinião

formada sobre a Educação Física baseado em suas experiências pessoais anteriores. Se elas foram marcadas por sucesso e prazer, o aluno terá uma opinião favorável quanto a frequentar as aulas. Ao contrário, quando o aluno registrou várias situações de insucesso, e de alguma forma se excluiu ou foi excluído, sua opção será pela dispensa das aulas, com um primeiro discurso pautado em não gostar da atividade, e transformar estas opiniões se constitui no maior desafio para os professores do ensino médio.

2 - OBJETIVO E METODOLOGIA

O objetivo do presente estudo é desvelar algumas questões fundamentais do ensino médio:

- A Educação Física deve ocorrer no mesmo período das demais disciplinas? Quais as consequências? Qual a visão do professor a respeito?

- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores que trabalham com este nível de ensino? O que eles gostariam de ver modificado no seu cotidiano?

- Quantos alunos são dispensados com a Educação Física no mesmo horário das demais disciplinas? Qual a porcentagem de alunos que requisitam a dispensa?

Para poder compreender melhor cada uma destas questões, 30 professores da rede pública estadual de ensino, que trabalham nas cidades de Americana, Campinas, Rio Claro, Piracicaba, Jundiaí e Limeira, responderam a um questionário contendo as seguintes questões:

- A Educação Física na sua escola é dentro ou fora do período?

- Quais as vantagens e desvantagens da Educação Física estar dentro ou fora do período?

- Quais são as suas maiores dificuldades no seu dia a dia? Nas suas aulas?

Além do questionário houve consultas aos arquivos das secretarias e dos professores no sentido de verificar o número total de alunos dispensados e o total de alunos da escola.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NO MESMO DO PERÍODO DAS DEMAIS DISCIPLINAS OU NÃO?

Quando questionados sobre como entendiam a questão da Educação Física; no mesmo ou no outro período das demais disciplinas, - a grande maioria dos professores optou pelo mesmo horário das demais disciplinas. Dos 30 professores consultados 22 afirmaram preferir as aulas no mesmo período das demais disciplinas, 6 professores em horário contrário e dois se mostraram indiferentes.

As principais razões pelas quais os professores se mostraram a favor da realização das aulas no mesmo período das demais disciplinas foram as seguintes:

- 20 Professores indicaram a facilitação do acesso à escola,

- 20 Professores relataram a diminuição do número de dispensas e das faltas das aulas,

- 9 Professores ressaltaram que houve uma valorização e integração da disciplina na escola;

- 4 Professores lembraram que houve um aumento no número de aulas para os professores da área;

Quanto as vantagens das aulas no mesmo período o depoimento da prof. 13 é interessante:

“É bastante gratificante para a Educação Física estar junto com as outras disciplinas porque os outros professores começam a entender o valor e a importância da disciplina”. O mesmo professor ainda completa:

“É um espaço que surgiu para mostrarmos e nos posicionarmos perante a instituição”.

O Prof. 5 também apresenta uma série de vantagens, vejamos:

“Tivemos oportunidades de conscientizar os demais colegas da importância da Educação Física”.

“Garantiu o acesso a todos os alunos à prática”.

“Ampliou o campo de atuação do professor”.

O Prof. 29, com outros argumentos, assim entende a Educação Física no mesmo período:

“Ao nível da comunidade possibilitou a tranquilidade para os pais, especialmente nos grandes centros urbanos”.

Quanto as razões pelas quais os professores são desfavoráveis a Educação Física dentro do horário, houve uma dispersão maior nas respostas:

- 11 Professores responderam que os interesses dos alunos são muito diversificados e eles têm dificuldades para trabalhar com turmas mistas;

- 11 Professores lembraram que muitos alunos vem para as aulas com roupas inadequadas;

- 10 Professores relataram que muitos alunos que antes pediam dispensa frequentam agora as aulas, mas são extremamente desinteressados;

- 10 Professores observaram que os alunos ficam muito suados para as demais disciplinas;

- 8 Professores relataram que há nas escolas muitos alunos e pouco espaço;

- 6 Professores indicaram a falta de infra estrutura da escola para atender os alunos no mesmo período das demais disciplinas.

A Profa. 15 é bastante incisiva quanto as críticas das aulas de Educação Física serem realizadas no mesmo período e afirma que:

“Para a Secretaria de Educação nenhuma disciplina tem importância, quanto mais, Educação Física”.

“É uma aberração a Educação Física ser junto com as demais disciplinas, o que os alunos vão fazer no outro período?. Ficar na rua? Por que não vir para a escola e fazer as aulas? Piorou, alunos obrigados a fazer aulas aumentou, só vejo desvantagens, pois antes só os interessados vinham à aula, os que não tinham interesse logo arrumavam um atestado”.

“Hoje aparece um número maior de alunos, mas muitos deles só querem ficar sentados durante a aula”.

O Prof. 6 também observa aspectos negativos quando a questão é a Educação Física no mesmo período das demais disciplinas:

“Primeiramente nós professores não fomos consultados, prejudicou quem gostava no sentido de que esse aluno podia se dedicar mais”.

“As escolas do estado não têm meios e espaço físico para fazer com que essa mudança dê certo. Este tipo de horário funciona em escolas particulares que tem espaço, então naqueles 50 minutos de aula o aluno se desloca para determinada quadra e será atendido nas suas aspirações e não jogado numa quadra com 45 alunos de ambos os sexos”.

Os resultados desta questão mostram que na opinião dos professores a Educação Física no mesmo horário das demais disciplinas têm papel importante na questão da democratização do acesso dos alunos às aulas de Educação Física, diminuindo o número de alunos faltosos e dispensados. Além disso, consideram que desta forma há uma maior chance da Educação Física estar integrada a proposta pedagógica da escola, tal como propõe a nova LDB/96.

Por outro lado, os resultados mostraram que ao mesmo tempo que há uma inclusão maior dos alunos quando a disciplina ocorre no mesmo período das demais, ocasiona também uma série de dificuldades extras para o professor de Educação Física. Eles entendem que com o aumento do número de alunos nas aulas há também interesses e habilidades mais diversificadas, o que impede a condução de um ensino de maior qualidade.

Isto de fato acontece porque muitos alunos que antes eram dispensados (disciplina era fora do horário), agora participam das aulas, mas com muito menos conhecimentos prévios.

O mesmo ocorre em relação as turmas mistas, pois quando a disciplina acontecia fora do horário muitos professores dividiam as turmas em função do sexo. No mesmo horário trabalham com turmas mistas. Assim, além dos problemas salariais, de infra estrutura, o professor reclama da diversidade de interesses e habilidades dos alunos do ensino médio.

Tal fato nos remete a análise das concepções destes professores, baseadas indubitavelmente na perspectiva

esportivista ou mecanicista. Ou seja, estes professores aprenderam ao longo da sua história de vida que inclui a experiência como aluno, atleta, e estudante da graduação, a trabalhar com modelos prontos e alunos com pouca ou nenhuma diferença individual.

3.2 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Muitas pesquisas realizadas em Educação Física escolar, referentes ao professor, têm se preocupado em comparar a sua atuação com uma situação ideal de ensino, desconsiderando, na maioria das vezes o que acontece na sua realidade.

Essa evidência é bastante clara na fala de um dos professores entrevistados por Daólio (1995): “Os pesquisadores vão para à escola, usam os professores e depois os criticam em suas análises” (p.58).

Ao invés desta postura de distanciamento, precisamos considerar as limitações e possibilidades que caracterizam o contexto do ensino aprendizagem da cultura corporal de movimento, surgindo daí uma intervenção significativa e real. Desta maneira, a teoria deixa de apresentar um caráter supremo e impositivo, passando a ser formulada a partir das necessidades concretas da realidade educacional (Candau & Lelis, citadas por Resende, 1995).

É justamente dentro desta perspectiva que buscamos analisar as dificuldades que os professores afirmam enfrentar no seu cotidiano.

Os resultados mostraram que dos 30 professores, 25 revelaram que é a falta de interesse dos alunos aliadas a falta de habilidade dos mesmos as suas maiores dificuldades. Parece que essa realidade demonstra a restrita vivência motora adicionada às experiências negativas anteriores na prática da cultura corporal de movimento desses alunos na escola. Além disso, no ensino médio, os alunos apresentam vergonha de se exporem e rejeição as novidades. Tudo isso associado ao medo de errar, acaba por distanciar ainda mais os alunos das aulas de Educação Física.

Outra característica do ensino médio, que acaba competindo com a Educação Física, diz respeito a busca por uma definição profissional. A preocupação em investir no futuro, muitas vezes representado pelo vestibular, vai se tornando uma exigência cada vez maior pela sociedade. Por isso, as expectativas acerca da Educação Física, quando existentes, ficam em segundo plano.

Outro ponto que também pode contribuir para acentuar a falta de interesse desses alunos, diz respeito ao aumento das diferenças individuais neste nível de ensino. Essa preocupação é explícita na fala de um dos professores pesquisados:

“Minha maior dificuldade é que os alunos chegam de muitas escolas diferentes uma das outras e trazem consigo conceitos e conteúdos diversos. Os que já sabem e conhecem o conteúdo proposto não querem voltar e os que não sabem sentem envergonhados”.

Mas, como afirma Franco (1997), o professor não pode se eximir de motivar o aluno, além disso, é preciso que a escola crie uma cultura que valorize a Educação Física.

Embora, soluções pareçam complexas neste nível de ensino, Melo (1997) demonstrou que nem sempre são as habilidades complexas, envolvendo os esportes, que motivam os alunos, mas os jogos, havendo a inclusão dos habilidosos e não habilidosos, promovendo um engajamento dos alunos às aulas.

Dez professores referem-se a falta de infra estrutura como um das suas dificuldades.

A falta de disciplina dos alunos também é citada enquanto dificuldades do professor, ameaçando, na maioria das vezes, o papel do professor, que somente com as normas e regras da escola não consegue mais conter o aluno. E como afirma Taille (1996) o aluno não tem mais vergonha de ser ignorante, isso tornou-se sinônimo de poder na sociedade atual, aliás, eles reinam na mídia fazendo sucesso e conquistando fãs. Deste modo, é fundamental repensar os valores que regem na sociedade atual.

O problema da indisciplina, não é um problema fácil que a escola pode resolver, nem são ainda na proposição de Taille (1996) falhas pedagógicas, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa.

As roupas impróprias para a prática da aula, também foram citadas pelos professores como dificuldade. Nos sugerindo dois pontos de análise. O primeiro refere-se as experiências negativas anteriores, que como apontado por Costa (1997), demonstra uma postura de não querer assumir publicamente uma dificuldade pessoal, deste modo a roupa se torna um escudo protetor, livrando o aluno das possíveis chacotas dos amigos.

O segundo parece retornar a questão da indisciplina, problema muito maior, ultrapassando os limites da escola, mas que não pode nos isentar do papel de professores e que portanto, responsáveis para preparar nossos alunos para o exercício da cidadania.

3.3 A DISPENSA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Apesar da obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis de ensino, ao longo da sua história foram abertas algumas exceções que acabaram por influenciar enormemente a prática da Educação Física na escola. De acordo com estas leis:

Art. 1º- É facultativa a prática da Educação Física em todos os graus de ensino:

- a) ao aluno do curso noturno ou diurno que comprove exercer atividade profissional remunerada ou jornada superior a 6 horas, mediante a apresentação de carteira profissional ou funcional devidamente assinada ou atestados de trabalho com firma reconhecida em cartório;
- b) ao aluno maior de 30 anos;
- c) ao aluno que esteja prestando serviço militar;
- d) aos alunos doentes, mediante laudo do médico;
- e) ao aluno do curso de pós graduação;

f) a aluna que tenha prole.

E o Decreto-Lei nº 1044/69 estabelece os casos em que podem ser dispensados os alunos portadores de deficiência e que necessitam de tratamento especial.

A legislação federal que promovia a dispensa dos alunos que trabalham seis horas diárias ou mais praticamente esvaziou a Educação Física no noturno. Seus pressupostos são questionáveis porque vinculam a área a um suposto gasto energético que os alunos, já exaustos pelo trabalho, não teriam condições de suportar. Tal conclusão reflete uma concepção ultrapassada de Educação Física, baseada em parâmetros energéticos e fisiológicos, e desconhece a possibilidade da adequação de conteúdos e estratégias às características e necessidades dos alunos dos cursos noturnos que trabalham, bem como a inclusão de conteúdos específicos (por exemplo, aspectos ergonômicos dos movimentos e posturas de trabalho, exercícios de relaxamento e compensação muscular, etc.), (CEE/97).

O trabalho conduzido por Galvão (1993) procurou analisar a opinião apenas dos alunos do ensino fundamental que haviam solicitado dispensa (trabalho e saúde) das aulas de Educação Física. Das três escolas consultadas no ano de 1992, n=935 alunos, 140 solicitaram dispensa, perfazendo um total de 17%.

Os resultados indicaram que a maioria dos alunos (78%) entrevistados acreditam que a Educação Física na escola não cumpre o seu papel porque transmite pouco ou nenhum conhecimento, o que estimulava os alunos a requisitarem dispensa. Além disso, 42% dos alunos afirmaram que se afastavam das aulas porque elas eram sempre iguais, sem continuidade, e 50% dos alunos reclamaram que os seus professores privilegiavam os alunos mais habilidosos.

Gambini (1995) também procurou verificar a opinião dos alunos dispensados, só que dos alunos do ensino médio sobre a prática da Educação Física na escola. Os resultados mostraram que a maioria dos alunos não participa das aulas e pede dispensa por motivos de trabalho; em seguida, os alunos apontam para a falta de material e o desinteresse dos professores; a minoria afirma se afastar das aulas por problemas de saúde. Entre estes alunos (dispensados) 37,5% realizam atividade física em clubes ou academias. Um outro resultado desta pesquisa chama atenção. 93% dos alunos dispensados afirmaram que retornariam as aulas caso elas fossem realizadas no mesmo período das demais disciplinas.

Santos (1996) também procurou conhecer as razões pelas quais alguns alunos do curso de graduação em Educação Física, paradoxalmente, pediram dispensa das aulas de Educação Física durante o ensino médio. Os resultados mostraram que estes alunos requisitavam dispensa por diferentes razões; participavam de equipes de

treinamento, não gostavam da aula e do professor, pela distância da escola e outros.⁵

São dados alarmantes que mostram a ineficiência do ensino formal em manter a motivação dos alunos. O descontentamento pelas aulas ocorre na opinião dos alunos porque as aulas deveriam ser diferentes e necessitam de variações (música, outros esportes, etc.).

No presente estudo foram levantados dados em 20 escolas do ensino médio, da região de Campinas. Os resultados mostraram que há um total de 6% de alunos dispensados. Os dados foram coletados no ano de 1997, logo após a Secretaria Estadual de Educação apoiar o retorno da Educação Física para o mesmo período das demais disciplinas.

Ao invés de apresentarmos conclusões, ou considerações finais, gostaríamos de elencar algumas características e sugestões resultantes dos apontamentos que realizamos no decorrer deste estudo para o trabalho sistematizado da Educação Física no ensino médio:

- Expressiva evasão dos alunos do diurno e do noturno amparados pelas leis federais que, baseada no princípio de adequar estudo e trabalho permitiu ao estudante trabalhador a dispensa das aulas;
- Desvalorização do componente curricular perante as demais disciplinas, principalmente, em face ao vestibular e a facilidade dos pedidos de dispensa;
- A colocação freqüente da Educação Física fora do período das demais disciplinas, dificultando a freqüência dos alunos às aulas;
- As aulas no ensino médio são quase sempre uma repetição mecânica dos programas de Educação Física do ensino fundamental. Em geral não apresentam características próprias e inovadoras, que considerem a nova fase vivenciada pelos alunos.
- Os alunos, na sua grande maioria, tiveram poucas experiências em relação à prática da Educação Física, e estas experiências em geral, não foram marcadas pelo sucesso e prazer, e assim quando requisitado para a prática o discurso do aluno é do não gostar, ou ela não ser importante.
- As propostas apresentadas perpassam as diferentes tendências pedagógicas da Educação Física Brasileira; esportivista, desenvolvimentista, construtivista, crítico-superadora e biológica.
- Uma das propostas possíveis para este nível de ensino refere-se a concepção de planejamento participativo e a implementação de propostas que abordem também as danças, os jogos, as ginásticas, sempre procurando ampliar o leque de opções com a intenção de incluir o maior número de alunos.
- Há como proposta a inclusão de conhecimentos teóricos, porém, os professores ressentem-se de material didático disponível na área para atender tal objetivo.

- Deficiência na formação inicial e continuada dos professores que trabalham com este nível de ensino.

ABSTRACT

PHYSICAL EDUCATION IN HIGH SCHOOL TEACHING: REFLECTIONS AND ACTIONS

The present study tried to analyze some aspects concerning the teaching of Physical Education in secondary schools; the schedule of the discipline in the curriculum of the school, the difficulties faced by the teachers and the requests of dismissals of the classes. To reach such purposes, 30 teachers of the interior of the State of São Paulo were consulted through a questionnaire. The results of this study showed that the teachers understand that Physical Education should be conducted in the same period as the other disciplines because it facilitates the democratization of the students' access and that the teachers' largest difficulties reside in the lack of interest and skill of high school students for the discipline. These results allow the conclusion that the teachers of Physical Education still reflect the point of view that the maximum development of the discipline is linked to sports.

UNITERMS: Teacher's difficulties, school, Adherence of physical education classes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, I.C.R. **O prazer em aulas de Educação Física escolar: a perspectiva discente.** Campinas: UNICAMP, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física, 1992.
- BUENO, A.B.C. **Fatores que influenciam na aderência a Educação Física escolar.** Rio Claro: UNESP Monografia de Graduação, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física. , 1993.
- CAVIGLIOLI, B. **Eporte e adolescentes.** Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1976.
- CORREIA, W.R. Planejamento participativo e o ensino de Educação Física no 2o grau. **Revista Paulista de Educação Física, supl. n.2**, p.43-48, 1996.
- COSTA, C.M. Educação Física diversificada, uma proposta de participação. **Anais do IV Seminário de Educação Física Escolar/ Escola de Educação Física e Esporte**, p. 47, 1997.
- DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo.** Campinas: Papirus, 1995.

⁵ Com a aprovação da nova LDB (9394/96) ficam revogadas as disposições anteriores, inclusive os casos de dispensas. Ainda não há uma regulamentação específica a este respeito.

- DARIDO,S.C., DEUTSCH,S. GOBBI,S. & SCHWARTZ,G.M. Vestibular em Educação Física: Perspectivas de relacionamento com os 1º e 2º graus. **Revista Brasileira de Ciências do esporte**, v.16, n.2, p.108-113, 1995.
- DARIDO, S. C. & GALVÃO, Z. Educação Física na escola: possibilidades e limites. **Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, v.18, p.311-316, 1997.
- DARIDO, S.C. Professores de Educação Física: avanços, possibilidades e dificuldades. **Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**, v.18, n.3, p.192-206, 1997.
- DARIDO, S.C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Araras - SP: Topázio, 1999.
- De ÁVILA , A. C. V. **Para além do esporte: a expressão corporal nas aulas de Educação Física do segundo grau**. Rio Claro: UNESP, Monografia de Graduação, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física, 1995.
- GALVÃO, Z. **Educação Física escolar. Razões das dispensas e visão dos alunos por ela contemplados**. Campinas: UNICAMP Monografia de Especialização, Faculdade de Educação Física. , 1993.
- GAMBINI, W. J. J. **Motivos da desistência em aulas de Educação Física no segundo grau**. Rio Claro: UNESP. Monografia de Graduação, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física, 1995.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Matrícula no 2o grau dobra em 10 anos**. 16 de maio de 1998.
- FRANCO, M.L.P.B. **Ensino médio: desafios e reflexões**. Campinas, Papirus, 1994.
- FRANCO,M.L.P.B. Conferência de abertura. **IV Seminário de Educação Física Escolar/ Escola de Educação Física e Esporte**. São Paulo: USP, 1997.
- MELO,R.Z. **Educação Física na escola: conteúdos adequados ao 2o grau**. Rio Claro: UNESP, Monografia de Graduação, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física, 1995.
- NAHAS, M. V. Educação Física no ensino médio: educação para um estilo de vida ativo no terceiro milênio. **Anais do IV Seminário de Educação Física Escolar/ Escola de Educação Física e Esporte**, p.17-20, 1997.
- RESENDE,H.G. Subsídios para uma pedagogia da Educação Física escolar numa perspectiva da cultura corporal. In: Votre,S.J. & Costa, V.L. (orgs). **Cultura, Atividade Corporal & Esportes**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1995.
- SANTOS, S. B. R. **Educação Física: o paradoxo da sua negação**. Rio Claro: UNESPMonografia de Graduação, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física, 1996..
- SÃO PAULO - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP). **Educação Física no ensino do 2o grau**. Versão Preliminar, 1993.
- SÃO PAULO - Conselho Estadual de Educação. **Parecer da comissão acerca da Educação Física**, (não publicado), 1997.
- TAILLE, Y. L. A indisciplina e o sentido de vergonha. In: Aquino, J. G. (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.
- TEDESCHI, S. M. Educação Física escolar: relatos e propostas. **Anais do IV Seminário de Educação Física Escolar / Escola de Educação Física e Esporte**, p.34-46, 1997.
- VERENGUER, R.C.G. Educação Física escolar: considerações sobre a formação profissional do professor e o conteúdo do componente curricular no 2o grau. **Revista Paulista de Educação Física**, n.9, p.69-74, 1995.

Agradecimentos aos professores: Angela V. de Ávila, Elizangela Venancio, Glauco Nunes e Marcia Vianna pelo auxílio na coleta dos dados desta pesquisa.

Endereço para contato:

UNESP - Departamento de Educação Física
Av. 24A, 1515 - Bela Vista - Rio Claro SP 13506-900
E-mail: surayacd@rc.unesp.br